

Peregrinação

1614

Organização
Isabel Almeida

Título:
Peregrinação, 1614

Organização:
Isabel Almeida

© 2017 Centro de Estudos Clássicos
Universidade de Lisboa

Paginação, impressão e acabamento:
Papelmunde

Outubro de 2017

ISSN: 978-972-9376-46-7
Depósito legal: 432909/17

CEC
Centro de Estudos
Clássicos

Índice

- 9 Nota Introdutória
- 11 Eduardo Lourenço, *A Peregrinação* ou a metamorfose do olhar europeu
- 19 Maria Alzira Seixo, As rotas narrativas da *Peregrinação*
- 43 Luís Filipe F. R. Thomaz, As religiões e a Religião na obra de Fernão Mendes Pinto
- 131 Vítor Serrão, Arte e Peregrinações na diáspora portuguesa no tempo de Mendes Pinto
- 181 Miguel Tamen, Portugueses no Estrangeiro
- 191 Arnaldo do Espírito Santo, Imagens do Oriente na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto
- 203 José Augusto Cardoso Bernardes, *A Peregrinação* nas escolas de Portugal
- 215 João David Pinto Correia, Rer *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto: ainda o seu valor literário-documental
- 225 João Carlos Carvalho, *A Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e os limites da interpretação
- 231 Maria do Céu Fraga, *Peregrinação* ou *Peregrinações*? O valor de um título
- 253 Zulmira Coelho Santos, “Escrita pelo mesmo Fernão Mendes Pinto”: alguns contributos para uma releitura do rosto da *Peregrinação* (1614)
- 277 Paulo Pereira, China ou a geografia da diferença. Idolatria e iconoclasmo na *Peregrinação* e em narrativas da Expansão
- 303 José Manuel Garcia, Fernão Mendes Pinto e a fortuna da sua *Peregrinação*
- 327 Isabel Almeida, *Peregrinação*: texto em diálogo
- 351 Theeraphong Inthano, Le Siam au XVI^{ème} siècle: lecture croisée de la *Pérégrination* de Fernão Mendes Pinto et des *Chroniques royales* siamoises
- 369 Guia Boni, Veneza e uma versão italiana quase desconhecida da *Peregrinação*
- 381 Patrícia Couto, As Viagens Maravilhosas da *Peregrinação* na República das Províncias Unidas
- 401 Reinaldo Silva, À pesca duma influência literária: ecos da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto em *The Compleat Angler* de Izaak Walton
- 415 Marta Pacheco Pinto, De Fernão Mendes Pinto a Wenceslau de Moraes: uma tradição restaurada?

- monastère et Chroniques royales d'Ayutthaya dans la version dite de Luang Prasæt, Bangkok: Khlang Witthaya, 1967 (ouvrage en siamois)
- DELOUCHE, Gilles, "Une jacquerie à Ayutthaya: la révolte de Yan Phichien", *Les Cahiers de l'Asie du Sud-est*, n° 20, 1986, pp. 101-114
- DELOUCHE, Gilles, "Traduction de la version dite de Luang Prasæt des Annales d'Ayutthaya", *Les Cahiers de l'Asie du Sud-est* n° 25, 1989, pp. 117-146
- La Loi des Trois Sceaux*, Bangkok: Editions de l'Enseignement supérieur, 1978 (ouvrage en siamois)
- LE GENTIL, Georges, *Fernão Mendes Pinto. Un précurseur de l'Exotisme au XVI^{ème} siècle*, Paris: Hermann et Compagnie, 1947
- LUCE, Gordon H., "The Cambodian (?) Invasion of Lower Burma: A Comparison of Burmese and Talaing Chronicles", *Journal of the Burmese Research Society*, Vol. XII, Part I, 1922, pp. 39-45
- PHUMISAK, Chit, *La société siamoise dans le bas bassin du Ménam Chao Phraya avant l'époque d'Ayutthaya*, Bangkok: May Ngam, 1983 (ouvrage en siamois)
- PINTO, Fernão Mendes, *Pérégrination*, traduit par Robert Viale, Paris: La Différence, 2002
- RACHANUPHAP, Prince Damrong, "Préface", in *Vie et œuvres du prince Thammathibet*, Bangkok: Silapa Bannakhan, 1970, pp. 3-22 (ouvrage en siamois)
- RACHANUPHAP, Prince Damrong, *Les Thaïs en lutte contre les Birmans*, Bangkok: Khlang Witthaya, 1977 (ouvrage en siamois)
- REID, Anthony (éd.), *Southeast Asia in the Early Modern Era: Trade, Power and Belief*, Cornell: Cornell University Press, 1993

Veneza e uma versão italiana quase desconhecida da *Peregrinação*

Guia Boni*

*Adventures happen only to people
who know how tell them.*

Henry James

O colonialismo e o iluminismo do século XVIII trouxeram um novo interesse pelas recolhas de relatos de viagens. Não admira, portanto, que a nossa viagem comece na Inglaterra para chegar até Veneza, via França. Uma "peregrinação" em forma reduzida, que parte do continente europeu para abranger o mundo e os novos confins conquistados, não só os geográficos.

A *Peregrinação* chega pela primeira vez a Itália em 1782, mergulhada numa obra monumental composta de 38 volumes. Tratava-se da tradução italiana do *Abrégé de l'histoire des voyages*, organizado por Jean-François de La Harpe a partir de 1780. Mas o projeto original da recolha nascera na Inglaterra, pela autoria do geógrafo e cartógrafo John Green, que tivera a ideia de atualizar, com os recém-descobrimientos e a participação de todos os países europeus, as coletâneas antigas¹. Nomeadamente as de Richard Hakluyt (1553-1615), que se inspirara na obra de Giovanni Battista Ramusio para *The Discoveries of the World* (1601) e traduzira para inglês o *Tratado que compôs o nobre e notavel capitão Antonio Galvão dos diuersos & desuayrados caminhos* (1563); de Samuel Purchas (1577-1626), que continuara o trabalho enciclopédico do seu predecessor, escolhendo como título para a sua obra *Hakluytus Posthumus, or Purchas his Pilgrims* (1625)², e, por fim, de John Harris (1666-1719), que publicara *Navigantium atque Itinerantium Bibliotheca, or a Complete Collection of Voyages and Travels* (1705). A partir de 1746, a obra passa a ser traduzida para francês pelo Abbé Prévost – já célebre pela sua *Histoire du chevalier Des Grieux et de Manon Lescaut* (1731) – sob o título *Histoire générale des voyages ou nouvelle collection de toutes les relations de voyages par mer et par terre qui ont été publiées jusqu'à présent dans les différentes langues de toutes les nations connues*,

* Università degli Studi Internazionali di Roma.

¹ J. Green, *New General Collection of Voyages and Travels*, 1745-1747.

² Onde os "pilgrims" do título ecoam de maneira significativa a "peregrinação" de Fernão Mendes Pinto.

enriquecida com os mapas do geógrafo e hidrógrafo Jean-Nicolas Bellin (1703-72) e os desenhos de Charles-Nicolas Cochin fils (1715-1799) para “formar um sistema completo da história e da geografia moderna que represente o estado atual de todas as nações”, lê-se no frontispício. E quando os ingleses decidiram suspender a edição, Prévost continuou a obra até à sua morte, deixando publicados 16 volumes *in quarto*, aos quais se juntaram outros cinco, editados por A. G. Meusnier de Querlon, Alexandre de Leyre e Jacques-Philibert Rousselot de Surgy, num total de 21 tomos. A Prévost, grande literato, devemos a tradução da obra inglesa – tendo ele vivido longos períodos na Inglaterra –, que foi levada a termo com entusiasmo, oferecendo esclarecimentos no seu “Avertissement du traducteur” (pp. X-XVI) e nas notas que não deixam de nos maravilhar pela sua erudição. Somos-lhe devedores também pela sua iniciativa de incluir o relato de Fernão Mendes Pinto, apresentado na seguinte forma:

Avant que de quitter les Indes Orientales, [...] je dois au Public un article détaché, qui n’a pû trouver place dans le plan des Anglois, [...].

Fernand Mendez Pinto, dont j’entreprends de donner un simple extrait, passe en Portugal pour le plus admirable & curieux de tous les Voyageurs. Sa réputation, qui n’a pas laissé d’être attaquée, a toujours trouvé d’excellens Défenseurs. Il est connu en France par une ancienne Traduction ; mais si rare aujourd’hui, que c’est une nouvelle raison pour lui rendre un peu de lustre, & pour le sauver de l’oubli dont il est menacé.³

Prévost morreu em 1763, e dezassete anos depois outro literato – não do mesmo calibre, mas animado pelo mesmo anseio de divulgação, característico do Século das Luzes –, Jean-François de la Harpe (1739-1803), decidiu arrumar (subdividindo principalmente os relatos da seleta pelos continentes) o material apresentado por Prévost, atualizando-o com as viagens que se seguiram à sua morte (Bougainville, Cook, etc.) e cortando tudo o que considerava supérfluo (não Fernão Mendes Pinto, porém) para constituir um *Abrégé* mais ágil e determinado por um propósito bem preciso, como aparece explicitado no prefácio: um livro que fosse apropriado ao Leitor e que pudesse ser lido com prazer e divertimento. Esta recolha que, apesar de ter sido cortada, continua sendo monumental, chegou quase de imediato a Itália graças a uma outra personagem interessante: Vincenzo Formaleoni (1752-1797), que, depois de uma viagem ao Oriente, chegou a Veneza, onde começou a trabalhar em edição, dedicando-se à prática geográfica e cartográfica, também ele animado pelo ideal iluminista de

³ *Histoire générale des voyages*, 1755, XII, p. 337.

instruir e divertir. A sua atividade editorial começou com *Dei delitti e delle pene* de Cesare Beccaria e com a tradução do *Abrégé* de la Harpe, que em italiano se tornou *Compendio della storia generale dei viaggi*.⁴

E eis que, em 1782, chega pela primeira vez a Itália a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto⁵. Decerto, ele não é a única referência a Portugal na recolha: na parte I, relativa à África, aos portugueses é dedicado o primeiro livro, onde se efetua uma espécie de avaliação histórica, intitulada “Primeiras tentativas dos Portugueses” (“Spedizioni di Gama”; “Viaggi di Cabral, e di Giovan di Nueva. Secondo viaggio di Gama. Imprese di Pacheco. Principj d’Alfonso d’Albuquerque”; “Imprese d’Almeyda, e d’Albuquerque. Potenza, e corruzione de’ Portoghesi. Assedio di Diu. Sylveira, e Giovanni Castro”).

A parte asiática começa com “Viaggi, e disavventure di Francesco Pyrard”⁶, título que lembra “Viaggi, e avventure di Mendez-Pinto, portoghese”. Os dois partilham as “desventuras” e “aventuras”, pois que os protagonistas naufragaram, foram feitos prisioneiros, mas também foram aceites em cortes, aprenderam línguas, e as obras de ambos obtiveram um verdadeiro êxito editorial, com várias edições. Contudo, *Voyages* não teve o mesmo sucesso internacional que *Peregrinação*, a não ser uma tradução portuguesa do século XIX⁷. A este texto, que ocupa 55 páginas, segue-se a descrição de várias ilhas do Índico: Maldivas, Ceilão, Sumatra, Java, Batavia/Jacarta, Bornéu, Molucas, Timor, Celebes, Filipinas, Marianas.

Por fim, chegamos ao texto de Fernão Mendes Pinto (livro VIII, cap. XII, pp. 121-254; que continua no livro IX, pp. 3-77). Interessante a brevíssima introdução ao texto – intitulado simplesmente *Viagens e aventuras de Mendez-Pinto, português* –, verdadeira chave para compreender como os editores esperavam que o público, antes francês e depois italiano, acolhesse o texto. Com uma única diferença, não despicienda: os franceses já tinham tido a oportunidade de ler a *Peregrinação* na tradução de Bernard Figuier (1628, 1645 e 1830) e na de Prévost, enquanto para os italianos era a primeira vez.

Queremos aqui colocar este relato interessantíssimo pela sua singularidade e pela importância dos acontecimentos. Vai servir para descansar a atenção dos leitores que ocupámos com descrições que, apesar de serem educativas, nem sempre são aprazíveis. Se depois de terem encontrado nos nossos artigos matéria para exercitar raciocínio e curiosidade, desejam coisas

⁴ *Compendio*, 1782.

⁵ Como assinalado por F. Leite de Faria, *As muitas edições da “Peregrinação”*, 1992.

⁶ Veja-se a edição moderna *Voyage de Pyrard de Laval aux Indes orientales (1601-1611)*, 1998.

⁷ *Viagem de Francisco Pyrard de Laval*, 1858.

que interessem o coração e a imaginação, vão ficar satisfeitos lendo as aventuras de Pinto e as de Bontekoë que as seguirão. As primeiras têm de vez em quando um ar fabuloso e pode-se suspender a confiança sem prejudicar o prazer da leitura. É, contudo, preciso avisar que o que parece incrível nem sempre é impossível: e se de alguns assuntos começámos a perder a crença à medida que aumentava o entendimento [luzes], para outros abandonámos a descrença à medida que aumentava a ciência. Este reflexo pode ser aplicado sobretudo aos relatos de viagens, à história dos hábitos e à descrição de objetos distantes, como se demonstra por inúmeros exemplos. Já que na descrição das aventuras ninguém pode exprimir-se com maior evidência do que quem as viveu, deixaremos amiúde a palavra a Pinto, salvo quando for necessário compendiar o seu relato.⁸

Raciocínio e curiosidade vs coração e imaginação: com esta antítese o editor introduz o texto do português, que é, evidentemente, contraposto à precedente descrição de várias ilhas, mas não à *Viagem* de François Pyrard, mais na esteira da de Mendes Pinto, como se pode demonstrar pela parecnça dos títulos. Coração porque o leitor toma emotivamente parte nas aventuras e desventuras do protagonista, e a imaginação é elemento necessário e básico para se deixar absorver pela leitura. Mas ao mesmo tempo, o editor avisa, tentando talvez afastar de uma vez por todas as insinuações relativas à *Peregrinação*, lembradas por exemplo no texto de Prévost, que os conhecimentos científicos permitiram aceitar coisas que dantes pareciam impossíveis: “incrível nem sempre é impossível”. A divisa da seleta poderia ser resumida no precepto horaciano “docere delectando” ou nas funções da retórica: “docere, delectare, movere”; informação, atenção e emoção de que o século das luzes se apoderou.

⁸ “Crediamo di dover qui collocare questa relazione interessantissima per la singolarità, e importanza degli avvenimenti. Servirà per far riposare l’attenzione de’ lettori, che abbiamo tenuti occupati in descrizioni, ché se sono istruttive, non sono sempre ugualmente piacevoli. Se dopo aver trovato negli ultimi nostri articoli in che esercitare il loro raziocinio e curiosità, desiderano oggetti che interessino il cuore, e l’immaginazione potranno soddisfarsi leggendo le avventure di Pinto, e quelle di Bontekoë, che le seguiranno. Le prime hanno talvolta qualche aria di favoloso, e si può sospenderne la credenza senza nuocere al piacere che si prova in leggerle. Bisogna però avvertire, che tutto ciò che sembra incredibile non è sempre impossibile: e se in alcune materie si è cominciato a creder meno, a misura che si sono acquistati lumi maggiori, in altre si è abbandonata l’incredulità, secondo che è cresciuta la scienza. Questo riflesso può applicarsi in modo particolare a’ racconti de’ viaggiatori, all’istoria de’ costumi, e alla descrizione degli oggetti lontani, come da moltissimi esempj è stato comprovato. Siccome nel descrivere avventure niuno può esprimersi con maggior evidenza di chi le ha provate, così lasceremo spesso che parli Pinto medesimo, fuorché dove sarà necessario compendiare il suo racconto” (*Compendio*, pp. 121-122). As traduções do *Compendio* são minhas.

Os editores colocam os textos do português e o relato do naufrágio do holandês Willem Bontekoe (1587-1657) juntos, como se estivessem a abrir uma espécie de parêntese para que o leitor descanse a atenção fatigada pelas descrições precedentes, nem sempre amenas. Na realidade, as duas personagens são bastante diferentes. Pontos em comum, poucos: a não ser pelo facto de o seu jornal de viagem – *Journal ofte gedenckwaerdige beschrijvinge van de Oost-Indische reyse van Willem Ysbrantsz. Bontekoe van Hoorn, begrijpende veel wonderlijcke en gevaerlijcke saecken hem daer in wedervaren* – ter sido largamente emendado pelo editor, que considerava o autor um escritor sem talento, destino que talvez tenha recaído⁹ também sobre a *Peregrinação*. Os textos do português e do holandês são bastante diferentes, a começar pelas dimensões (208 páginas o primeiro e 23 o segundo); Fernão Mendes Pinto relata inúmeras viagens e o holandês apenas um naufrágio entre o estreito da Sunda e Java. Detalhes que afinal não passaram despercebidos ao editor do *Abrégé/Compendio*, que retificou, reabilitando o relato do português e apoucando o do holandês na breve introdução que precede o texto deste último: “Depois das aventuras de Pinto colocamos, como prometido, as de Bontekoe muito menos maravilhosas, e diferentes, mas notáveis pelos horrores que podem acontecer depois de um naufrágio”¹⁰. Evidentemente, ainda não conheciam a antologia *História trágico-marítima* de Bernardo Gomes de Brito (1735-1736), que seria traduzida muito depois.¹¹

Como dissemos, o texto italiano é uma tradução do francês, extremamente fiel pelo menos no que diz respeito ao texto de Fernão Mendes Pinto. Em ambas foi eliminada, talvez por uma questão de espaço, a subdivisão em capítulos e os relativos títulos.

No que diz respeito às dimensões: a primeira edição da *Peregrinação* (1614) tinha 606 páginas (numeradas 303), enquanto o texto do compêndio é de 251 páginas. Sendo o formato parecido, foi cortada mais ou menos a metade. Mas é interessante notar que a obra do português é a mais comprida da recolha, ultrapassada só pelo relato das três viagens de James Cook (1728-1779), o explorador e cartógrafo inglês, que ocupa mais de 500 páginas. É claro que os acometimentos do contemporâneo Cook mereciam, encerrando a recolha, todo o espaço disponível, como podemos ler no prefácio: “e por último as [viagens] do famoso Cook, que sozinho descobriu ou reconheceu o maior número de novas terras

⁹ Pelo menos na *Apologia* que precede a tradução de Francisco Herrera Maldonado, *Historia Oriental*, 1620 e edições seguintes.

¹⁰ “Dopo le avventure di Pinto metteremo secondo la promessa quelle di Bontekoe molto meno meravigliose, e diverse; ma pure assai rimarchevoli, per ciò ch’esse abbracciar sembrano tutti gli orrori, che seguir possono un naufragio” (p. 78).

¹¹ Bernardo Gomes de Brito, *Tragiques histoires de mer au XVI siècle*, 1939; nova ed. 1992; Bernardo Gomes de Brito, *Storia tragico-marittima*, 1992.

no oceano Pacífico e Austral, mais do que os precedentes navegadores todos juntos”¹². Do ponto de vista do espaço disponibilizado na coletânea, o texto de Fernão Mendes Pinto despertava evidentemente ainda um enorme interesse.

Tentemos agora pormenorizar onde foram feitos esses cortes e quais foram os acréscimos, para identificar qual foi a visão dos editores quando decidiram apresentar a obra ao público. Nem sempre é possível separar de maneira linear os cortes dos acréscimos porque às vezes atuam numa espécie de compensação que visa adaptar o texto a moldes diferentes. O que acontece no primeiro capítulo é eloquente: aí foi suprimido o princípio enfático, quando Fernão Mendes Pinto, já idoso e sábio, pensa no passado e tira conclusões existenciais. A tradução começa em *medias res* com uma rápida lembrança da juventude, da pobreza da família e da decisão de ir para Lisboa. Depois temos ainda um resumo das vicissitudes vividas na primeira família onde Mendes Pinto trabalhou, a fuga precipitada e a primeira desventura nos mares – prenúncio dos tantos “trabalhos” futuros – quando a caravela que se dirigia a Setúbal foi capturada por corsários franceses. A parte final deste capítulo não é resumida, mas alterada, com acréscimos susceptíveis de orientar o horizonte de espera do leitor. Confrontemos o *Compêndio* com o texto original:

Julguei que em Portugal as minhas esperanças se reduziam a me salvar da pobreza: ouvia constantemente falar de tesouros, que provinham da Índia, e amiúde via chegar navios cheios de ouro e de preciosas mercadorias. O desejo de uma vida abastada, mais do que a coragem, e a ambição me levaram a dirigir os meus designios à fonte de tantas riquezas e determinei embarcar-me encaminhado por este único princípio: pois no pior dos casos o reviramento da minha sorte não podia ser pior do que então sofria.¹³

E porque a moradia que então era costume darse nas casas dos Príncipes, me não bastava para minha sustentação, determiney embarcar-me para a Índia, inda que com pouco remedio, já offerecido a toda ventura ou má ou

¹² “[...] e per ultimo quelli del famoso Cook, il quale solo ha scoperto, o riconosciuto maggior numero di nuove terre nell’oceano Pacifico, ed Australe, di quello che gli altri precedenti navigatori tutti insieme” (*Compêndio*, p. XVI).

¹³ “Considerai, che in Portogallo le mie più alte speranze si riducevano a salvarmi dalla povertà: sentivo continuamente parlare de’ tesori, che venivano dalle Indie, e spesso vedeva arrivar de’ vascelli carichi d’oro, e di preziose mercanzie. Il desiderio di menar una vita agiata, più che il coraggio, e l’ambizione mi fecero rivolgere le mire verso la sorgente di tante ricchezze, e risolvetti d’imbarcarmi su questo solo principio: giacché alla più trista il cangiamento di mia fortuna non m’avrebbe portato niente di peggio di quello che soffriva” (*Compêndio*, pp. 124-125).

boa, que me socedesse (I, 31).¹⁴

Ao passo que, no original, Fernão Mendes Pinto explica rapidamente a razão que o levou a viajar, ou seja a falta de recursos; na tradução, delinea-se desde já o retrato do protagonista como o de um aventureiro que, não tendo nada a perder, estava prestes a abandonar-se a todas as aventuras possíveis. Bem diferente do perfil que sobressai do original, sobretudo se tivermos em conta toda a parte inicial do capítulo, aqui suprimida, que não é simplesmente uma *captatio benevolentiae*, mas uma lição de moral: afinal o protagonista pagou a ousadia da sua cobiça, antepondo o dinheiro à moral. Portanto o leitor italiano, que pela primeira vez tinha a possibilidade de ler a obra de Fernão Mendes Pinto, deparava com uma personagem em que ressaltava a falta de escrúpulos.

O mesmo desenho justifica os cortes seguintes, que não são lineares: uns capítulos são apenas resumidos, utilizando as palavras do Autor, outros são compendiados pelo editor e outros ainda inteiramente eliminados. É difícil dar uma informação pormenorizada porque, como já dissemos, nas traduções foi eliminada a subdivisão em capítulos e os parágrafos não correspondem necessariamente à passagem de um capítulo para outro.

As omissões foram, contudo, realizadas, seguindo uma ideia bem precisa. Blocos inteiros de capítulos foram eliminados. Os mais substanciais são três: 7-32 (25 capítulos suprimidos); 84-118 (34) e 181-220 (39), que vamos analisar com maior demora.

No primeiro bloco (caps. 7-32) encontramos os vaivéns de Fernão Mendes Pinto entre Ormuz, Diu, Goa e Malaca. A embaixada à rainha de Onor, que acolhera um navio turco no seu porto. O regresso a Goa para ir até Diu e enfim Malaca, em companhia do futuro capitão Pero de Faria, o qual confia a Mendes Pinto uma missão comercial para o rei Batak, que preparava a defesa do seu reino, atacado pelos Aceh. De volta a Malaca, Pero de Faria encarrega Mendes Pinto de uma nova missão junto do rei Aru, também ele aprestando-se a preparar a defesa contra os Aceh. Regressando a Malaca, há um naufrágio de que o protagonista é o único superstite; após várias atribulações é comprado por um mouro que o leva de novo a Malaca. Parêntese sobre a guerra entre Aru e Aceh, parêntese sobre a guerra entre o rei de Jantana e o de Aceh. Denuncia-se a negligência dos portugueses relativamente ao domínio cada vez mais assustador dos Aceh, que pretendiam atacar Malaca e destruir o império luso. Os acontecimentos descritos aparecem, sem dúvida, demasiado ligados a uma realidade estritamente nacional para um público estrangeiro. Mendes Pinto não aparece nesses

¹⁴ Todas as citações da *Peregrinação* são tiradas de *Fernão Mendes Pinto and the Peregrinação*, 2010. Entre parêntese o capítulo é assinalado com o número romano e a página com o árabe.

capítulos na qualidade de herói mas de espectador, com aquela distância que lhe permite avaliar e condenar a míope política portuguesa. Tendo sido tirado do primeiro capítulo o aspeto moralizador, aqui também se tira esse enfoque que não corresponde à imagem que o editor queria dar da personagem.

Os capítulos 33-36, resumidos no *Compendio*, servem de introdução à entrada em cena de António de Faria, o qual, vice-versa, merece, como veremos, uns raríssimos acréscimos.

O segundo bloco vai do capítulo 84 ao 118. António de Faria desaparece no cap. 79. Mendes Pinto e os outros supérstites (no princípio 14, mas por último apenas 9) deambulam pelas terras da China até serem presos com a acusação de vadiagem, e aqui começa a peregrinação de prisão em prisão, com divagações muito extensas sobre a história, a arquitetura, os hábitos da China, até chegar a sentença (capítulo 103): condenação a um ano de degredo para as obras de Quansy, onde chegam (cap. 115) e entram na guarda dos alabardeiros, acabando por ser de novo presos devido às habituais brigas entre portugueses, até à chegada dos tártaros.

Por fim o último e mais comprido conjunto (181-220) é composto por 39 capítulos. Desventuras do rei de Sião, que volta vitorioso da guerra, mas é envenenado pela esposa fedífraga, que com as suas artimanhas, pretende conquistar o poder e os relativos empreendimentos bélicos provocados pela fraqueza do reino de Siam. No final, Fernão Mendes Pinto consegue realizar o seu projeto de voltar ao Japão e embarca com Jorge Álvares. No capítulo 203 entra em cena Francisco Xavier, que se torna o verdadeiro protagonista do relato, que inclui a sua morte (cap. 215) e continua depois com a cerimónia fúnebre em Goa (cap. 218).

A razão desses cortes é simples: Mendes Pinto não é protagonista, mas limita-se a ser na maioria dos casos espectador. O que conta para o editor, como explicitado no rápido prefácio, é o “ar fabuloso”, não as descrições de territórios entretanto conhecidos mais pormenorizadamente e relatados por testemunhos mais fiáveis do ponto de vista científico, e tampouco as reflexões de ordem moral. Pelo mesmo motivo o estratagema utilizado pelo autor, com o uso ponderado da alternância entre o “eu”, o “nós” e “eles”, num jogo de luzes e sombras ambíguo, é eliminado a favor de uma focalização sobre o “eu”, para fazer ressaltar a aventura em solitário, ou no máximo com o companheiro António de Faria (XXXVI-LXXIX). As aventuras e desventuras dos dois ficam praticamente intactas, eliminando apenas as descrições que podiam entravar a leitura. Antes, assistimos a uma série de interpolações, como o rápido perfil de António de Faria, que não existe no original: “António de Faria, cujo nome se tornou célebre tanto pelo furor quanto pelas suas proezas, era um fidalgo desprovido de bens

que fora buscar na Índia, sob a proteção de um homem com o mesmo sangue e o mesmo nome”¹⁵. A sua figura é amiúde enfatizada: intrépido, curioso, esperto, poliglota... O conúbio das duas personagens é cativante, realçando o contraste já presente no original entre a épica de Faria e o quotidiano de Fernão Mendes Pinto.

Sempre nesta linha interpretativa, podemos fazer entrar a quase eliminação do procedimento retórico da *captatio benevolentiae*, tão exclusivo e caracterizante na *Peregrinação*. É praticamente abolido o adágio “pobre de mim”. Na nova versão, Fernão Mendes Pinto não se queixa, age: herói, *malgré lui*.

O trabalho é editado em pleno século das luzes: os jesuítas foram expulsos da França em 1763, e dez anos depois foi suprimida a Companhia de Jesus, pelo papa Clemente XIV, sendo restaurada só em 1814. Portanto não admira que a parte relativa ao encómio de Francisco Xavier, realizado pelo autor, tenha sido eliminada, a partir de 1780, numa obra publicada em França, como foi passada também sob silêncio a maioria das invocações divinas¹⁶. Da mesma maneira, os “pecados” – omnipresentes no original e manancial das desventuras humanas – aparecem citados uma única vez e negando que sejam eles a causa da tempestade: “Não era essa [a tempestade] sem dúvida causada pelos nossos pecados”¹⁷, enquanto o original reforça o conceito de punição: “a força da tempestade muito terriuel, não auia cousa que bastasse a nos dar remedio sendo só a misericordia de nosso Senhor [...] mas como por nossos peccados, não eramos merecedores de nos elle fazer essa merce” (LIII, 176-7). E mais adiante: “o miseravel estado em que a fortuna, por nossos peccados, nos tinha posto” (LIII, 177).

Os cortes visam, destarte, tirar ao protagonista, por um lado, o seu prestígio reflexivo e moralizador, acentuando o elemento aventureiro, por outro, encaminhar a obra por um rumo iluminista.

Do ponto de vista meramente formal, constatamos que os números são exatos e com pouca frequência cortados, sobretudo os relativos às quantias de dinheiro. Para que o leitor entenda melhor, os “cruzados” portugueses tornam-se “ducats” em francês e “ducati” em italiano.

Não parece haver uma reflexão sobre os topónimos, a não ser umas glosas para fornecer ulteriores informações geográficas, como no caso de Larache: “Larache, in Barberia” (p. 123). Os nomes geográficos são habitualmente aceites

¹⁵ “Antonio Faria, il cui nome è divenuto celebre, tanto pel suo furore, che per le sue gesta, era un gentill’uomo privo di fortune, ch’era andato a cercarle nell’Indie, sotto la protezione d’un’uomo del suo stesso sangue e del suo nome” (*Compendio*, p. 137).

¹⁶ O que não acontecera por exemplo na tradução de l’Abbé Prévost, que escreveu na sua apresentação: “Après quelques plaintes de la fortune, Pinto, remercie le Ciel de l’avoir délivré d’une infinité de périls, entre lesquels il a marché toute sa vie” (*Histoire générale des voyages*, p. 338).

¹⁷ “Non era questa senza dubbio dovuta a’ nostri peccati” (*Compendio*, p. 165).

com as óbvias alterações devidas à transliteração: Pullo-Condor/Pula-Condor; Bralapisão/Bralapisam. Às vezes, estes estão em itálico para assinalar, quiçá, uma improvável colocação num mapa. O mesmo acontece com os nomes de pessoas, que, seguindo o exemplo francês, têm os apelidos traduzidos: Henrique Barbosa/Enrico Barbosa; Estêvão da Gama/Stefano di Gama ou Lourenço Goes/Lorenzo di Goetz; enquanto os nomes orientais são pouco alterados Quiay Panjão/Quiay Panjam; Coja Acem/Coggia Acem; Similau/Similau.

O discurso direto é sempre substituído pelo indireto. Por um lado, o relato dinamiza-se, sem grandes interrupções; por outro, a reprodução de um diálogo num livro de memórias podia tirar verosimilhança à história contada, fazendo-a deslizar para a recriação literária: “A inserção de um discurso apresentado como factual, como é o caso da *Peregrinação*, de outras vozes e de outros pontos de vista que não os do autor inscreve-se na obra como uma das marcas de um discurso claramente ficcional”¹⁸. Os editores da obra monumental não estavam interessados em romances, ou seja, em obras inteiramente de ficção, mas em relatos de aventuras que incluíssem uma filosofia moral. “Esta porção romanesca de viagens, às vezes preferível aos romances por singularidade e pelo maravilhoso, parece feita de propósito para fazer descansar a atenção do Leitor, titilando a sua imaginação”¹⁹.

Mesmo na introdução geral à obra, como já vimos nas poucas linhas que precedem a *Peregrinação*, os editores faziam a distinção entre os relatos descritivos, às vezes cansativos e enfadonhos, e os de aventuras muito mais agradáveis, sempre na linha do *docere delectando*, que permitissem ao leitor descansar e pensar: “qual é a utilidade de conduzir o leitor de uma extremidade para outra do globo, se isso não tiver por objetivo levá-lo a pensar e pensar com ele?”²⁰. Pensar nos empreendimentos humanos, pensar nas diferenças entre civilizações, pensar – *ante litteram* – no “outro”, mudando a própria consideração e visão do mundo.

Parece quase paradoxal falar de *Weltanschauung* para uma recolha de relatos de viagens que tenta de facto oferecer uma nova visão do mundo conjugando antigos e novos descobrimentos. Mas junto a esta visão que mapeia o globo com as palavras das testemunhas que viajaram e relataram, temos também a visão dos editores – francês e italiano, ambos politicamente engajados e “iluminados” – que através de cortes ou acréscimos orientaram o olhar do leitor, portanto, a sua visão. Um olhar que enquanto seguia a dilatação dos confins do mundo,

¹⁸ Isabel Vila Maior, “O discurso directo como estratégia narrativa na *Peregrinação*”, 1999, p. 98.

¹⁹ “Questa porzione romanziera de’ viaggi, talora preferibile ad ogni romanzo per la singolarità, e pel meraviglioso, sembra fatta a bella posta, per dar riposo all’attenzione del Lettore, solleticando la sua immaginazione” (*Compendio*, p. VII).

²⁰ “[...] a cosa giova condurre il lettore da un’estremità del globo all’altra, se ciò non ha per oggetto il farlo pensare, ed il pensare con lui?” (*Compendio*, p. VII).

dilatava os próprios horizontes mentais, imaginando novas sociedades, novos critérios políticos e sociais.

Quem diria! Mesmo uma “inocente” recolha de viagens podia albergar rebentos subversivos – a revolução francesa estava a caminho!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, Bernardo Gomes de, *Tragiques histoires de mer au XVI siècle*. Traduction de Georges Le Gentil, Fernand Sorlot editeur, Paris: Chandeigne, 1992
- BRITO, Bernardo Gomes de, *Storia tragico-marittima*. A cura di Raffaella D’Intino, Torino: Einaudi, 1992
- Compendio della storia generale de’ viaggi di M. de La Harpe accademico parigino*, Venezia: presso Vincenzo Formaleoni, 1782
- FARIA, Francisco Leite de, *As muitas edições da “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto*, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1992
- GREEN, John, *New General Collection of Voyages and Travels, Consisting on the most Esteemed Relations which have Hitherto been Published in any Language*, 4 vols., London: Thomas Astley, 1745-1747
- Histoire générale des voyages ou Nouvelle collection de toutes les relations de voyages par mer et par terre qui ont été publiées jusqu’à présent dans les différentes langues de toutes les nations connues*, 2^a ed., La Haye: Chez Pierre de Hondt, 1755, t. XII
- LA HARPE, Jean-François de, *Abrégé de l’histoire générale des voyages, contenant ce qu’il y a de plus remarquable, de plus utile & de mieux avéré dans les Pays où les Voyageurs ont pénétré*, Paris: Hotel de Thou, 1780
- LAVAL, François Pyrard de, *Viagem de Francisco Pyrard de Laval: contendo a notícia de sua navegação às Índias Orientais*, Nova Goa: Imprensa Nacional, 1858
- LAVAL, François Pyrard de, *Voyage de Pyrard de Laval aux Indes orientales (1601-1611)*, 2 t., Paris: Chandeigne, 1998
- MAIOR, Isabel Vila, “O discurso directo como estratégia narrativa na *Peregrinação*”, in Maria Alzira Seixo e Christine Zurbach (org.), *O discurso literário da Peregrinação. Aproximações*, Lisboa: Cosmos, 1999, pp. 97-118
- PINTO, Fernão Mendes, *Historia Oriental de las peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto portugues [...], traduzido de portugues en castellano por Francisco de Herrera Maldonado*, Madrid: por Tomas Iunti, 1620
- Fernão Mendes Pinto and the Peregrinação*. Studies, Restored Portuguese Text, Notes and Indexes, vol. II, Lisboa: Fundação Oriente, INCM, 2010